

> faço parte

Agenda

Este ano o McDia Feliz acontece dia 25 de agosto. Toda a renda obtida na venda do Big Mac (individual ou na promoção nº 1) em São Paulo, Osasco, Guarulhos e Barueri (descontando impostos) será destinada ao Graacc.

Destaque para iniciativas de empresas e ONGs que atuam no bem-estar da sociedade e na preservação e recuperação do meio ambiente

ÁREAS ESQUECIDAS > ONG e iniciativa privada vão revitalizar três praças em regiões periféricas e com alto índice de pobreza em São Paulo

Na periferia, praças são resgatadas

ANA CAROLINA MORENO
 ana.moreno@jornaldatarde.com.br

Eduardo de Jesus tem 27 anos e ocupa seu tempo organizando torneios de futebol no campo de terra batida que ele mesmo ajudou a criar. "Se dependesse da Prefeitura, isso aqui estaria cheio de entulho", afirma o morador da Vila Iolanda I, em Lajeado, Zona Leste. A frase do jovem pode ser aplicada à maioria das praças na periferia, onde os espaços públicos acabam virando destino improvisado para o lixo.

Mas, depois de seis anos ouvindo promessas de políticos, os moradores comemoram a inclusão da praça, batizada informalmente de Santa Clara, em um projeto de revitalização de espaços públicos do Instituto Sou da Paz e da seguradora Sula-América. Pelos próximos quatro anos, o local passará por uma reforma com recursos da iniciativa privada e participação da comunidade.

Segundo o diretor executivo do instituto, Denis Mizne, a estratégia é mais eficaz do que uma simples restauração. "Muda o conceito do espaço de um terreno de ninguém para um espaço de todos." Uma praça



Jean Alexandre, Eduardo Jesus e Junior, na praça que será reformada

na Vila Brasilândia, Zona Norte, e outra no Jardim Ângela, Zona Sul, passarão pelo mesmo processo.

Em comum, as três regiões têm o alto índice de pobreza e taxas de mortalidade acima da média. Lajeado, onde moram mais de 31 mil jovens, teve, em 2004, 32 homicídios para cada cem mil habitantes. Na Brasilândia, foram 60,09 e, no Jardim Ângela, o índice foi de 64,5. Os dados são da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade).

Também foram escolhidas para participar do projeto por estarem longe de outros equipamentos de lazer, esporte e cultura. No total, serão gastos R\$ 2,5 milhões até 2010 nas três praças. Al, de acordo com Mizne, tem início a fase de sustentabilidade, quando os moradores passam a cuidar sozinhos da praça e da relação com o poder público.

Ansiosos, os moradores contam que já sentiram mais respeito à travessia de crianças na rua. E já sa-

bem o que querem ver no local. "Uma quadra, parquinho para as crianças, arquibancada", enumera Junior Rodrigues da Silva, 18 anos, que cresceu assistindo às mudanças na região.

Mesmo antes do início da reforma, a comunidade já planeja os próximos passos, como uma biblioteca comunitária. Também querem, é claro, que a área ganhe finalmente o status oficial de praça.



Praça João Pais Mallo antes e depois do projeto Pólos da Paz



No Campo Limpo, caso de sucesso

Márcio Bhering, de 28 anos, mora há 14 na Praça João Pais Mallo, no Campo Limpo, Zona Sul. Jogava bola em meio ao mato descuidado da praça que, até a gestão de Luiza Erundina, era conhecida como Brejo dos Ratos. Depois de urbanizada, há mais de década, foi abandonada pela Prefeitura.

Entre 2003 e 2006, ele participou da primeira iniciativa de revitalização feita pelo Instituto Sou da Paz, chamada Pólos da Paz. Nos fins de

semana, os moradores trabalhavam nos mutirões de obras e, nos feriados, reuniam a comunidade em eventos. Hoje, a quadra tem uma arquibancada e um espaço coberto para eventos, um palco, um parque e mesas foram instalados. Postes de luz proporcionam mais horas de lazer para uma juventude acostumada a passar o tempo livre em frente à televisão.

"Mudou completamente a dinâmica", conta Bhering, que hoje dá

treino de futebol para 60 meninos de 8 a 16 anos, na praça. "Agora todo mundo fala com todo mundo: toda hora, as crianças brincam, os moleques jogam bola, os velhos conversam, jogam dominó."

O projeto acabou, mas os jovens continuam cuidando da praça, buscando mais melhorias, como a construção de uma escadaria onde antes havia um matagal. "Fizemos um abaixo-assinado com quase 400 assinaturas", conta Bhering.